

Nina Rodrigues, deuses e hierofanias para além da histeria.

Vanda Fortuna Serafim

Universidade Estadual de Maringá

Mestranda em História

vandaserafim@gmail.com

GP - Religiões Afro-brasileiras e Kardecismo.

Resumo: A comunicação visa apresentar problemáticas de nosso projeto de mestrado em História apresentado à linha Instituições e História das Idéias da Universidade Estadual de Maringá. A pesquisa objetiva analisar como Nina Rodrigues, um intelectual inserido num país católico, elabora um discurso sobre as manifestações religiosas de tradição africana. Para isto utilizaremos como fontes as obras *O animismo fetichista dos negros bahianos* (1900) e *Os Africanos no Brasil* (1932). Nosso recorte histórico remete-se à transição do século XIX para o século XX, período em que o médico baiano dedica-se ao estudo das religiões dos afro-descendentes, instaurando-se enquanto um marco inicial para todas as pesquisas posteriores.

Palavras-chave: Deuses, hierofanias, Nina Rodrigues.

A temática de nosso projeto de pesquisa remete-se à análise do discurso elaborado por Raimundo Nina Rodrigues, médico legista e professor a Faculdade de Medicina da Bahia, sobre as manifestações religiosas de tradição africana, na transição do século XIX para o século XX, a partir das obras *O animismo fetichista dos negros bahianos*, publicada originalmente em francês em 1900 e *Os Africanos no Brasil*, obra póstuma organizada por Homero Pires e publicada em 1932.

A obra *O animismo fetichista dos negros bahianos*, segundo Gonçalves da Silva (1995), foi resultado do conhecimento científico da psiquiatria e do evolucionismo da época, embora não possa ser definida como de cunho antropológico, pelo menos dentro do conceito atual, serviu como um marco ou modelo obrigatório de interlocução aos novos textos que a seguiram.

Os africanos no Brasil procurou ampliar e sistematizar o quadro descritivo das sobrevivências africanas. Refere-se a aspectos etnográficos religiosos, os quais são posteriormente retomados por outros autores. (SILVA, 1995).

A importância de estudarmos as manifestações ou crenças religiosas afro-brasileiras por meio de Nina Rodrigues reside em sua contribuição e pioneirismo nos estudos dos negros no Brasil; e na ênfase dada ao aspecto religioso. Autores contemporâneos discutem a

influência por ele exercida nos trabalhos e estudos posteriores, ora criticando, ora dirigindo-lhe elogios, porém sem jamais negar sua a validade de sua contribuição.

Embora o classifique como representante de uma teoria racista no Brasil, Thomas E. Skidmore atribui às obras de Nina Rodrigues, qualificações de “séria” e “respeitável”:

O primeiro estudo etnográfico sério e respeitável do afro-brasileiro por um brasileiro não proveio dos museus, mas de um professor de medicina originário de prestigiosa faculdade da Bahia. No começo da década de 90, Nina Rodrigues, jovem doutor mulato, conquistara uma cátedra ali. Pelo fim da década, já se distinguia como pioneiro em dois campos: etnologia afro-brasileira e medicina-legal. Nenhum - até a época de suas investigações iniciais - era reconhecido como campo de pesquisa, mas seus esforços contribuíram para lançar-lhes as bases de estudo no Brasil. Embora tenha morrido cedo em 1906, com a idade de quarenta e quatro anos, já havia publicado inúmeros relatórios científicos e fundara a *Revista Médico – Legal*. Já havia estreitado contatos com outros pesquisadores do exterior e era membro de grupos como a médico – Legal Society of New York e a Societé Médico-Psychologique de Paris. Quando morreu, já se havia tornado figura altamente acatada e respeitada nos círculos científicos brasileiros (SKIDMORE, 1976, p.74).

Embora o discurso de Nina Rodrigues possa ser caracterizado como positivista, não podemos negar o mérito de suas pesquisas, afinal, ele é o primeiro a elaborar ou propor, no Brasil, conceitos e noções para trabalhar-se com as religiões africanas. Levando-se em consideração a precariedade da medicina neste contexto, suas análises são inovadoras no que se refere a uma forma de pensar as crenças afro-brasileiras. Vagner Gonçalves da Silva aponta-o como o primeiro a render uma forma científica aos estudos das religiões afros:

Singularmente, o texto inaugural dos estudos das religiões afro-brasileiras existentes entre nós há pelo menos três séculos consiste numa obra de divulgação médico - científica escrita somente em fins do século passado, publicada em francês em 1900 e dedicada à Societé Médico-psychologique de Paris. Trata-se de “O animismo fetichista dos negros bahianos” (1935), do médico-legista Raimundo Nina Rodrigues (SILVA, 1995, p.34-35).

Denominado “mestre” por Homero Pires no prefácio de “Os africanos no Brasil” (1982), tem Arthur Ramos apontado como um de seus “seguidores”. (Silva, 1995, p.37). No prefácio de “As culturas negras”, Renato Mendonça afirma que Arthur Ramos sofreu enorme influência da obra “Os africanos no Brasil”, a ponto de dividir os estudos afro-brasileiros em três etapas: pré-Nina Rodrigues, que abrange toda uma contribuição de cronistas do período colonial que abordam a vida do negro escravo; a fase de Nina Rodrigues, que revolucionou os estudos sobre os negros propondo o método de estudo comparativo das culturas africanas e suas sobrevivências no Brasil; e a fase pós-Nina Rodrigues, que se estende ao período contemporâneo. (RAMOS, s/d, p.10).

Arthur Ramos enfatiza a necessidade de compreender Nina Rodrigues como um intelectual de sua época, que utiliza o método e as análises próprias daquele período, cabendo a nós reinterpretar o objeto de uma forma adequada ao nosso contexto:

O nome de Nina Rodrigues, reivindicado através dos nossos trabalhos, é citado entre os estudiosos estrangeiros, como o grande pioneiro dos estudos científicos sobre o negro. E não se poderá acusar hoje a sua escola, como ainda insistem alguns intelectuais de má fé, de reincidir no prejudicado da tese da inferioridade antropológico do negro ou da degenerescência da mestiçagem, que fora endossada pelo sábio baiano, preso evidentemente aos métodos e as hipóteses de trabalho da ciência de sua época. A reinterpretação de Nina Rodrigues tem sido hoje a preocupação dominante dos seus discípulos, no setor dos estudos sobre o negro. Mesmo porque já ninguém vai o perder mais tempo em trazer à tona das discussões pontos científicos, passados em julgado, como estes da superioridade ou inferioridade das raças, que constituem um lugar-comum de todo estudante de antropologia... (RAMOS, 1979, p.20).

Marco Maio (1995) defende a idéia amplamente aceita de que Nina Rodrigues é considerado por historiadores e memorialistas da medicina no Brasil, como o principal responsável pela elevação da medicina legal a condição de especialidade e disciplina científica. Além de ser pioneiro nos estudos de antropologia física, foi alçado da condição de fundador de uma escola de pensamento, a “Escola Nina Rodrigues”. Nina Rodrigues tornou-se presença obrigatória nas investigações etnográficas sobre a cultura afro-brasileira e nas análises do pensamento social brasileiro, especialmente as relações entre raça, ciência e nação na Republica Velha.

Schwarcz explica que em uma época em que se buscava identificar as raças, os estudos de frenologia ou craniologia são os primeiros a serem aplicados, mas acabam sendo refutados por Nina Rodrigues e os outros médicos da época:

À frente desse movimento sobressaía a figura de Nina Rodrigues, professor da escola e defensor radical da medicina legal e de sua necessária autonomia. É a partir de sua atuação que se consolida um processo de afirmação profissional, cujo propósito ia além da mera medicina legal. O que estava em jogo era a criação de uma identidade de grupo, bem como a mudança na imagem social dos médicos, cuja prática tinha sido tão menosprezada. (SCHWARCZ, 1976, p.211).

Ao estudar os negros e sua cultura, Nina Rodrigues visitou diversos terreiros, descrevendo a vida religiosa dessas comunidades de maneira minuciosa. Deixou através de seu escritos, todo um legado descritivo da religião, embora não a denominasse como tal, dos escravos recentemente libertos e de seus descendentes. Atualmente, podemos, portanto, colocá-lo como leitura obrigatória a todo aquele que deseje estudar temas relativos a crenças africanas no Brasil.

Assim sendo, nosso projeto visa ampliar a discussão sobre o tema trazendo novos questionamentos, no intuito de enriquecer o estudo das manifestações afro-descendentes no Brasil. A idéia principal seria alargar a perspectiva da abordagem, enfatizando a criação de conceitos por Nina Rodrigues, os quais ainda permanecem nas abordagens atuais.

Mariza Corrêa elabora na década de 1980, sua tese de doutorado sobre Nina Rodrigues e a Escola Nina Rodrigues, a qual foi sem dúvida um marco importante, para trazer o médico

baiano novamente à luz da pesquisa acadêmica. Longe de nós, ousar retirar o mérito da tese da autora que anos depois seria publicada em forma de livro *As ilusões da liberdade: a Escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. No entanto, não podemos deixar de observar que a atenção dada à pesquisa de Nina Rodrigues referente às manifestações religiosas dos afro-descendentes foi mínima, se isto foi ou não uma opção metodológica da autora, o fato é que estas religiosidades aparecem intrinsecamente ligadas à histeria. Não acreditamos que Nina Rodrigues não relacione as religiosidades afro à histeria, nosso intuito é que a histeria seria apenas um dos aspectos desta relação e não necessariamente o mais importante.

A sensação que temos é a de uma aceitação passiva do caráter “científico” do discurso de Nina Rodrigues. “Todo o discurso teórico de Nina Rodrigues justificava a sua participação na vida social a partir de uma suposição de objetividade; trata-se de um discurso científica, isto é, verdadeiro.” (CORRÊA, 2001, p.91). Certamente este não é o caso de Mariza Corrêa. No entanto, as análises da posição de Nina Rodrigues em relação às crenças afro-descendentes, tendem à não considerar a postura católica.

Embora Nina Rodrigues não se denomine católico, a crítica documental é capaz de identifica-lo nas entrelinhas da obra. Chamado de beneditino por Homero Pires, no prefácio de *Os Africanos no Brasil*, é interessante notar na narrativa da chegada da chegada do cadáver de Nina Rodrigues à Bahia em dez de agosto de 1906, feita pelo Dr. Antônio Carlos Britto¹, podemos observar que o corpo do médico baiano foi velado no Mosteiro de São Bento, sob decisão da comissão organizadora das solenes exéquias da Faculdade de Medicina da Bahia e o velório foi acompanhado pelo canto de quatro noviços beneditinos.

Dessa forma acreditamos que análise do discurso de Nina Rodrigues sobre as manifestações religiosas de tradição africana, buscando compreender a construção de uma perspectiva médica - científica, a qual legitimaria sua posição dentro de um determinado “campo científico”, como verificamos em nosso projeto de iniciação científica *Deuses e hierofanias numa perspectiva médico – científica*, paralelo a uma investigação referente à elaboração das noções de fitolatrias, litolatrias e hidrolatrias e a identificação da caracterização dos Orixás, dos rituais de iniciações e das possessões a partir do olhar de Nina Rodrigues, podem enriquecer as perspectivas de estudo das religiões e religiosidades, situados no campo da História, mas mantendo diálogo com outras áreas do conhecimento.

¹ BRASIL. Ata da Sessão da Congregação em 18 de julho de 1906. O falecimento do Professor Doutor Raymundo Nina Rodrigues, em Paris, 17 de julho de 1906. **Faculdade de Medicina da Bahia**, Bahia, 18 de julho de 1906. Disponível em: <http://www.medicina.ufba.br/historia_med/hist_med_art61anxi.htm .Acesso em 15/01/2007.

Dado que a pesquisa historiografia pressupõe a adoção de uma perspectiva teórica, buscaremos expor aqui os autores que acreditamos que podem nos auxiliar inicialmente em nossos estudos, fornecendo subsídios teóricos para a análise de nosso objeto de estudo.

Em nosso Projeto de Iniciação Científica *Nina Rodrigues e a formação religiosa no Brasil*, trabalhamos essencialmente com o conceito de “lugar social” (CERTEAU, 1982); e os conceitos de “campo científico” e “corpo de especialistas” (BOURDIEU, 2004); mas nosso projeto posterior *Deuses e hierofanias numa perspectiva médico-científica*, nos fez perceber que para pensarmos a constituição, ou talvez construção, de deuses e hierofanias, dentro da perspectiva “médico - científica” de Nina Rodrigues, os conceitos de “noosfera” e “seres noológicos” de Morin (1991), podem ser de grande utilidade, já que nos permitem pensar os modos de existências e influências, se assim podemos dizer, das entidades afro-brasileiras.

Bourdieu e Certeau nos permitem analisar o discurso de Nina Rodrigues, na medida em que é possível encontrar um ponto comum em suas categorias de “lugar social”, “campo científico” e “corpo de especialistas”. Para Certeau (1982), o historiador deve analisar em termos de produções localizáveis, o material que cada método instaurou inicialmente segundo suas noções de pertinência. Isto porque para ele, o discurso é parte da realidade da qual trata. Do mesmo modo Bourdieu (s/d) ao tratar da linguagem e da palavra, enquanto um canal que possibilita a comunicação adota em parte a noção saussureana onde a língua aparece como condição da palavra, pois é ela que assegura a identidade das associações dos sons e conceitos, garantindo compreensão mútua. Coloca como se a língua contextualizasse a palavra.

Para Certeau (1982) a História articula-se com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. E é em função deste lugar que se delineia uma topografia de interesses. Para ele o nascimento da disciplina histórica se relacionaria com a criação de grupos, o qual definiria o que deve ou não ser público. Do mesmo modo Bourdieu (s/d) acredita que as práticas voltadas para a função e comunicação pela comunicação ou de comunicação para o conhecimento (inclusive a circulação de informação científica), estão sempre orientadas também para funções políticas e econômicas. As interações simbólicas dependeriam tanto da estrutura do grupo de interação no qual se encontram, quanto das estruturas sociais nas quais estão inseridos os agentes de interação.

Bourdieu não acredita na homogeneidade do grupo. Para ele, este seria formado pelos “que só emitem”, “que só respondem”, “os que respondem as emissões dos primeiros” e “os que emitem para os segundos”. (s/d, p.52).

Isso evidencia uma hierarquia social dentro do grupo, logo, as dependências das relações de força simbólica corresponderiam à estrutura das relações de força política. Certeau

(1982) afirma que os métodos científicos expressam um comportamento social e as leis do grupo. Em virtude disto, o discurso histórico não pode ser analisado fora da sociedade na qual se insere, pois implicaria a transformação das situações acentuadas, o “nós” utilizado pelo pesquisador denota um contrato social.

Certeau (1982) explica que, se a organização da história é relativa a um lugar e a um tempo, isso deve-se inicialmente as suas técnicas e produção. Afinal, cada sociedade se pensa historicamente com os instrumentos que lhe são próprios.

Nesse sentido, buscaremos compreender os fatores determinantes do discurso elaborado por Nina Rodrigues. As questões sociais, econômicas e culturais das quais resultam seu método de pesquisa e que o levaram a pensar deuses e hierofanias dentro de uma perspectiva médico-científica. Ao tratarmos de suas obras enquanto documentos históricos, utilizaremos as noções de *monumentos* (herança do passado) e *documentos* (escolha do historiador), de Le Goff (1994).

Para caracterizarmos deuses, hierofanias, possessões e ritos iniciáticos, acreditamos serem adequadas às categorias morinianas de “noosfera” e “seres noológicos”. Todos os deuses existem realmente para os seus fiéis, embora não existam fora da comunidade dos crentes. Surgidos como ectoplasmas coletivos dos espíritos/cérebros humanos, os deuses tornam-se individualidades dotadas de identidade, psicologia e corporalidade própria. Tem existência viva, embora não sejam constituídos de matéria núcleo protéica. Agem, intervêm, perguntam, ouvem. Estão realmente presentes nas cerimônias religiosas e nos ritos como os vodus e os candomblés, eles encarnam, falam e exigem. (MORIN, 1991).

Para que os deuses reinem é preciso sacrifícios. Embora sua existência dependa da nossa existência, eles nos são soberanos. Pedimos ajuda e lhe oferecemos o que temos. Mas os deuses estão reciprocamente a nosso serviço. Se pedirmos ajuda de forma adequada, eles nos atendem. Os nossos deuses não estão à disposição de estranhos, dos infiéis: eles são nossos. Possuímos os deuses e eles nos possuem. Há, portanto, com efeito, uma relação de simbiose, de parasitismo mútuo, de exploração mútua na maior parte dos casos (desigual) entre deuses e humanos. (MORIN, 1991).

Sob o ângulo da psicologia humana, são as projeções dos nossos desejos e temores que transcendentalizam os deuses. Mas sob o ângulo noológico, são os deuses que se autotranscendentalizam, a partir da formidável energia psíquica, que eles vão buscar nos nossos desejos e temores. Certamente os deuses não são imortais, se os humanos morrerem, os deuses também morrem. (Morin, 1991).

Toda a lingüística, toda a lógica e toda a matemática, consideram seus objetos como sistemas dotados de realidade objetiva, e mesmo de autonomia relativa em relação aos

espíritos que a utilizam. Os números são reais, embora não existam na natureza como tais. O seu tipo de realidade transcende. (MORIN, 1991).

Quanto às coisas do espírito, nos interrogamos sobre a sua realidade, nem física, nem material, mas que nem por isso, faz parte da subjetividade pura; podem ser de outra natureza de realidade, substituem o real, ela tem um ser próprio, uma existência. Popper dividiu o universo humano em três mundos: das coisas materiais exteriores, das experiências vividas e das coisas do espírito, produtos culturais, linguagens, noções, teorias, incluindo os conhecimentos objetivos. Trata-se de uma noosfera. Popper chama de o *mundo três*, o qual é produto do espírito humano e adquire existência própria. (MORIN, 1991).

Popper concluiu em que se funda a realidade própria da noosfera: embora produzidas e dependentes, as coisas do espírito adquirem uma realidade e autonomia objetiva. Wojciechowski observa que as idéias são menos biodegradável que os homens. As idéias são dotadas de vida própria porque como o vírus, dispõe num meio (cultural/cerebral) favorável da capacidade de auto-nutrição e auto-reprodução. (MORIN, 1991).

Para Morin (1991) há muito da realidade do mundo imaginário/mitológico/ideológico e este mundo é certamente um produto recursivamente necessário à produção de seu próprio produtor antro-po-social. Diante disto, o autor se vê incitado a explorar o problema da autonomia relativa e da relação complexa entre estes seres de espírito e os seres humanos: o caminho estava aberto para eu encarar, não só uma noosfera povoada de entidades “viventes”, mas também a possibilidade de uma ciência das idéias que seria, ao mesmo, uma ciência da vida dos “seres de espírito”: uma noologia.

As representações, os símbolos, os mitos e as idéias são englobados simultaneamente pelas noções de cultura e noosfera. Sob o ponto de vista da cultura, constituem seus valores, crenças, etc. sob o ponto de vista da noosfera, são entidades feitas e uma substância espiritual e dotadas de certa existência. (MORIN, 1991).

Morin (1991) explica que a saída das interrogações que tecem a cultura de uma sociedade, a noosfera emerge como uma realidade objetiva, dispondo de uma relativa autonomia e povoada de entidades que vamos chamar de “seres de espírito”. Seremos levados a determinar primeiramente tipo, classe, espécie; em segundo lugar, as regras de organização própria; em seguida, as condições de “vida” ou “morte”, ou seja, autonomia, dependência, associação, dissociação, etc. e por fim, as relações de simbiose, parasitismo exploração com a esfera antro-po-social.

Podemos distinguir dois grandes tipos de entidades com duração forte e duradoura as entidades cosmo-bio-antropomórficas, mitos e religiões povoados com seres de aparência

humana ou de animais (gênios, espíritos, deuses) e as entidades logomorfas, doutrinas teorias que são sistemas de idéias. (MORIN, 1991).

As entidades noológicas duradouras são auto-eco-organizadoras e dispõem de uma máquina complexa constituída por uma linguagem, uma lógica e uma natureza paradigmática. (Morin, 1991). Para tanto, é preciso considerar os tipos de existência e manifestações das entidades noológicas; os princípios e modos de organização; a sua maquinaria (linguagem, lógica) e sua paradigmática.

Por fim, como na biosfera, também a noosfera viu surgirem ramificações e a multiplicação de classes e de idéias diversas. Embora se tenha verificado desde a pré-história, grande mortalidade de mitos, gênios e idéias, alguns seres noológicos, aparecidos sem dúvida com os princípios da humanidade, continuam a viver, inclusive no mundo urbano e moderno, como espectros, espíritos dos mortos, fantasmas. Os grandes tipos noológicos do passado não desapareceram. Assim nas nossas noosferas modernas coexistem, justapostas ou concorrentes, religiões, mitos, fábulas, doutrinas, ideologias, teorias, assim como, deuses, gênios e espíritos (MORIN, 1991).

Exposto isso, nossos objetivos remete-se à analisar como Nina Rodrigues, um intelectual inserido num país católico, elabora um discurso sobre as manifestações religiosas de tradição africana, mais especificamente, compreender a construção de uma perspectiva médico-científica em Nina Rodrigues e como esta estaria vinculada à História das religiões no Brasil; investigar a elaboração das noções de fitolatrias, litolatrias e hidrolatrias na obra de Nina Rodrigues; e identificar como se estabelece historicamente a caracterização dos Orixás, dos rituais de iniciações e das possessões a partir do olhar de Nina Rodrigues.

Para isso, dado que nossas fontes são documentos escritos, nossa opção metodológica refere-se à “crítica do documento enquanto monumento” de Le Goff (1994). Para Le Goff (1994), não existe um documento objetivo, inócuo ou primário. De acordo com essa posição vemos como indispensável à problematização, o questionamento, o diálogo com nossas fontes, que são dois documentos escritos, logo, são expressão uma época, de um determinado modo e pensar e interagir com o mundo.

Le Goff (1994), afirma que a concepção do documento/monumento objetiva evitar que o historiador se desvie de seu dever principal: a crítica do documento enquanto monumento, pois só assim, a memória coletiva pode recuperá-lo e o historiador usá-lo cientificamente, ou seja, com o conhecimento de sua causa. Afinal, mas do que qualquer coisa que fica por conta do passado, o documento é produto da sociedade que o fabricou, de acordo com as relações de força que aí detinham o poder. Em resumo, o ideal é questionar o documento, e é exatamente isto que buscaremos fazer.

Le Goff (1994), conclui que a intervenção do historiador na escolha do documento depende da sua própria posição social e da sua organização mental. Desse modo, o documento não é inócuo, ao contrário, é o resultado, consciente ou inconsciente, da história, da época e da sociedade que o produziu, além das épocas sucessivas às quais continuou a viver, mesmo que manipulado apenas pelo silêncio. Por persistir no tempo, o testemunho do documento deve ser analisado, desmistificando-lhe o seu caráter aparente. Não se pode dizer que exista um documento-verdade, todo documento é uma mentira e não cabe ao historiador fazer papel de ingênuo. “É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos.” (LE GOFF, 1994, p.538).

No decorrer de nossos estudos e desenvolvimento de Iniciações Científicas, percebemos a dificuldade e necessidade de trabalharmos mais profundamente com determinados conceitos; por isto, optamos por discutir como se constituem inicialmente as noções de deuses e hierofanias, dentro da perspectiva médico-científica de Nina Rodrigues.

Como Nina Rodrigues entende os objetos dos cultos afro-brasileiros onde o sagrado se manifesta enquanto fetiches. Entendemos como relevante o confronto de duas linguagens, as quais buscam legitimar um discurso referente à religião: uma médico-científica e outra historiográfica, no intuito de compreendermos como aquela se constitui.

Nossa perspectiva metodológica para discutirmos fitolatrias, litolatrias e hidrolatrias, remete-se à Mircea Eliade (1992) e a categoria de “hierofania”. Assim, analisaremos as fitolatrias a partir da idéia de simbolismo vegetal (ELIADE, 1992); as hidrolatrias a partir da idéia de simbolismo aquático (ELIADE, 1992) e as litolatria a partir da idéia de culto às pedras (ELIADE, 1992). Também utilizaremos a noção de “deus longínquo” (ELIADE, 1992) para pensar a fala de Nina Rodrigues em relação à Olorum.

Referências:

Fontes impressas:

RODRIGUES, Nina. *O Animismo Fetichista dos Negros Bahianos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. 6.ed. São Paulo: Ed.Nacional; [Brasília]: Ed. Universidade de Brasília, 1982.

Bibliografia:

BOURDIEU, Pierre. *Esboço de uma teoria da prática*. In: ORTIZ, Renato (org.). Pierre Bourdieu. S/l, Ática, S/d.

- BOURDIEU, Pierre. *Os usos da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. Trad. Denice Catani. São Paulo, Unesp, 2004.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CORRÊA, Mariza. *As ilusões da liberdade: a Escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. 2.ed. Bragança Paulista, EDUSF, 2001.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 3.ed. Campinas: Ed. Da Unicamp, 1994.
- MAIO, M. C. *A medicina de Nina Rodrigues: Análise de uma trajetória científica*. Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 11 (2): 226-237, abr/jun, 1995.
- MORIN, Edgar. *O método IV. As idéias: a natureza, vida, habitat e organização*. Trad. Emílio Campos Lima. Portugal, Publicações Europa-América, 1991.
- RAMOS, Artur. *As culturas negras: introdução à antropologia brasileira*. Guanabara, RJ: Ed. da Casa do estudante do Brasil, [s/d]. Vol. 3.
- RAMOS, Arthur. *As culturas negras no novo mundo*. 4.ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. *Orixás da metrópole*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.